

Triangulo Vermelho

Os paizes que compreendem e avaliam a necessidade que há em sustentar esta admiravel instituição nos campos da batalha, mostram por todas as maneiras a sua simpatia, e principalmente contribuem com largas sômas para a manutenção desta obra que tão apreciaveis serviços tem prestado aos soldados em campanha.

Lemos no «Daily Telegraf» de 5 de Junho que o T. V. Inglês, recebeu do comité Internacional das Uniões do Norte da America, o maior donativo que tem sido oferecido desde o principio da guerra:— um cheque de £ 100.000, para a edificação de novos pavilhões, substituindo os que foram destruidos a quando da offensiva alemã na Flandres e na Picardia.

Ainda há poucos mezes em resultado dum apêlo feito ao publico americano, as U. C. da America levantaram a importante soma de mais de 10 milhões de libras, para sustento do trabalho do T. V. Americano em França.

As perdas do T. V. Inglês ultimamente, são avaliadas em 150.000 libras, em generos



Augusto J. de Freitas

e pavilhões, que caíram em poder dos alemães. Para se fazer ideia do que é este trabalho para soldados basta dizer que o T. V. Inglês tem gasto só em pavilhões, mais de um milhão de libras esterlinas, e por semana gasta mais de £ 1.000, ou sejam quase Esc. 8.000.00, ao cambio actual.

E tudo isto sem outro interesse que não seja o fazer bem ao soldado que tam exposto está a perigos e dificuldades, e sem olhar a ideias políticas ou religiosas.

Sómente o amor de Cristo póde levar o homem a trabalhos desta natureza, cuja base é o amor a Deus e ao proximo como a nós mesmos, e cujos fins são atenuar as agruras da guerra, educar e alegrar o espirito para conservar o bem moral entre os soldados.

Já houve noticias dos obreiros que foram para a França, e o irmão Augusto Freitas escreveu de lá, tendo encontrado conhecidos no acampamento português aonde chegou.

O irmão Eurico Figueiredo tambem escreveu da Espanha e agora já deve estar tambem na França.

São cada vez mais animadoras as noticias do trabalho do «Triangulo», e extraímos os seguintes periodos duma carta com data de 14 de Julho escrita por um soldado do Porto que lá está:— «Alem disso temos tambem uma União chamada União Cristã da Mocidade Portuguesa, formada de portugueses que há longos anos residem na America e que formaram cantinas com gastos de primeira necessidade, favoraveis aos soldados em campanha e do que elles mais carecem, tudo baratissimo, como tabaco, sabão e outros artigos. Alem disto este papel em que estou escrevendo é dado por elles gratuitamente, pois são muito nossos amigos, não nos fazendo mais porque não podem; alem disso há diversos jogos de sport, tanto interiores como exteriores. Tudo corre na melhor perfeição

pois que só dêles é que nós podêmos receber alguns beneficios pelo que os nossos officiais, ficam com grande satisfação».

O mesmo soldado, que se chama G. D. Queirós escreve ainda, com data de 16 de Julho, o seguinte:

«Por aqui, quero dizer, no logar onde me encontro, tem melhorado há mezes, mas a valer, principalmente na alimentação.

... Os nossos amigos da U. C. M. P., isso não se fala pela bondade e as atenções que têm para conosco, pois seria escusado explicar tudo porque se tornaria confuso, e alem disso seria preciso outro tanto papel».



Eurico S. Figueiredo

O rev. Diogo Cassels recebeu tambem a seguinte carta:

«Gaia, 1-8-1918. — Ex.^{mo} sr. Diogo Cassels — Sabendo eu do interesse que v. ex.^a tem mostrado pelo Triangulo Vermelho Português, venho, a proposito, relatar-lhe um caso que comigo se passou, quando da minha recente passagem em Paris, em permissão para Portugal. Era eu acompanhado por 4 soldados do meu regimento, pelo porte dos quais me responsabilisei, sem o que não poderiam fazer a viagem por terra.

Se é verdade que tive muito prazer em os trazer para a Patria, por outro lado preocupava-me sobremaneira a chegada a Paris, onde eu pouco ou nada conheço e ali ter de os guiar para lhes fornecer alimentação, passaportes, bilhetes de caminho de ferro, etc., etc.

Pois, chegado a Paris, ainda mesmo dentro da gare do Norte, fui abordado por um delegado do T. V. P. que me aliviou d'este grande *pesadêlo*, declarando-me que nada te-

ria que incomodar-me com os meus soldados e, na verdade, assim succedeu. Tudo lhe foi fornecido e os bons rapazes ficaram satisfeitos, porque nêsse mesmo dia, á tarde, embarcaram no Quar d'Orsay, comigo, decentemente vestidos á civil, o que é exigido para a passagem em Espanha.

Não posso, pois, deixar de reconhecer os valiosissimos serviços prestados pelo T. V. P. aos nossos soldados que veem do *front* e que tudo merecem.

Subscrovo-me com todo o respeito, de v. ex.^a adm.^{or} e obrig.^{mo}, Mario Gomes Sa-raiva, cap. vet.^o d'art.^a 7 do C. E. P.»

As ultimas noticias a respeito desta tam util organização são as seguintes:

No dia 29 de Julho partiram de Lisboa mais dois obreiros voluntarios para as cantinas na França, o snr. Fernando Nuno e o nosso caro amigo Eurico Figueiredo, filho do rev. Santos Figueiredo, da Igreja Lusitana, que pondo de parte os seus estudos de engenharia e no Conservatório, foi em serviço dos seus compatriotas.

Na sexta-feira, 26, houve uma sessão de despedida, na União Cristã da Mocidade, achando-se reunidos a maior parte dos obreiros evangêlicos de Lisboa.

Igualmente na Igreja de S. Paulo se realisou no domingo 28 uma impressionante reunião de despedida ao jovem Eurico de Figueiredo, na qual falaram, seu pai, rev. Figueiredo, rev. Silva e os snrs. Francisco M. Martins e Nicolau T. Viana. No fim o jovem official do T. V. P. en-

vergando a sua farda, agradeceu com calor e entusiasmo esta sincera homenagem.

Em 29 de Julho tiveram os nossos irmãos uma affectuosa e comovente despedida na Estação do Rocio.

*

Lamentamos noticiar que o snr. Myron Clark a cujo cargo estava a organização do trabalho na França, está bastante doente, tendo sido operado em Paris, e terá de partir para a America brevemente, afim de descansar.

*

Com destino ás cantinas do «Triangulo» foram remetidas há dias dez caixas contendo ligaduras para feridos, agasalhos, livros, 30.000 folhas de papel de carta, 20.000 envelopes, bandeiras nacionais, discos para gramófone, instrumentos de musica, latas de sardinha, bacalhau, feijão, tabaco, etc.

*

O snr. Alfredo Silva esteve ainda outra vez em Lisboa tratando das formalidades necessarias, tanto para a remessa dos generos como a ida dos dois obreiros.

Os snrs. Roberto Moreton e Jerónimo Ribas teem tambem trabalhado muito nêste serviço.

O que se torna muitissimo urgente é dinheiro para manter esta obra e chamamos a atenção dos nossos leitores para este ponto — não só para que cada um dê o que poder mas para que façam propaganda e peçam donativos entre os seus conhecidos e amigos. Este trabalho é só para o sector e acampamentos portugueses e é justo que portugêses de todas as convicções o apoiem e sustentem.



Henrique Vieira

*

O telegrama recebido do representante de Estado Maior do nosso exercito em França é concebido nos seguintes termos:

«Acabo de assistir á inauguração do novo pavilhão do T. V. P. junto do quartel general do C. E. P. Felicito-o calorosamente pela bella obra realisada a favor dos nossos soldados. — Pires Monteiro, major.»

Alem das ofertas de volumes que já mencionamos no número anterior, recebeu mais o Comité Nacional do T. V. P., o seguinte: do sr. Andrade de Melo, grande quantidade de números ilustrados do «Comercio do Porto», «Diario de Noticias» e «Ilustração Portuguesa»; da Empresa editora da «Arte e a Natureza em Portugal», belas fotografuras portuguesas para ornamentar pavilhões; do editor, duas colecções dos magníficos «Quadros da Historia de Portugal»; do sr. Ricardo de Lemos, do Porto, e da Companhia Fonografica de Lisboa, grande desconto em duzentos discos de gramófone.

*

Gravuras — Publicamos hoje as gravuras dos officiais do T. V. P., nossos presados irmãos e amigos. Com muito gosto publicaremos tambem as dos que já foram antes ou depois, desde que nos enviem uma sua fotografia. A todos desejamos prestar homenagem como merecem.



Bom exemplo

Pão bastante para os aliados

Sabe-se que em consequência da boa administração pelas autoridades e da lealdade com que o povo na America e na Inglaterra tem apoiado as leis de subsistencia, já passou o perigo de haver falta de mantimentos, posto que ainda, por precaução, deve haver cuidado no consumo.

O sr. Hoover, director das subsistencias nos Estados Unidos falou há dias em Londres e disse que já não existe a necessidade de misturar outros cereaes com o trigo para se poder fornecer pão para os 220.000.000 de almas nas nações em luta com a Alemanha. Portanto o pão será de melhor qualidade.

Na America o povo, declarou o presidente Wilson, está pronto a fazer todo o sacrificio na produção e no consumo de subsistencias para manter a saúde, o bem-estar e a coragem dos povos aliados, e de facto, temos uma só mesa em comum. Quanto a carne, só a de suino é suficiente para as necessidades de todos. Durante os 12 mezes decorridos a America mandou para a Europa 10.000.000 toneladas de mantimentos e no ano proximo, poderá, com menos sacrificio mandar 18.000.000 se fôr necessario, e o Canadá pode acrescentar mais 3.000.000 toneladas.

Na Inglaterra a produção aumentou muito de modo que só necessita de importar uma quinta parte do seu alimento cerealifico. Devido á legislação nunca chegou a haver absoluta falta de coisa alguma e hoje as restrições sobre alguns generos já se levantaram.

Na Alemanha e Austria, pelo contrario os povos estão sofrendo verdadeira fome.

Quando hão-de os nossos legisladores e o nosso povo seguir o belo exemplo de disciplina, bom senso e abnegação dado pelos da America, França, Italia e Inglaterra? Lá tambem existem os açambarcadores e gananciosos mas são severamente castigados pelas leis e o povo em geral obedece e apoia as leis.

“Olhai para os lirios do campo...”

Pela segunda vez realizou-se há tempos, na capital, a chamada *feira da flôr* em favor dos feridos da guerra. Pena foi que as flôres vendidas fossem de pano e não autenticas flôres naturais que em todos fizesse brotar um sentimento de gratidão para com o Criador de tão belas coisas. Onde há flôres há alegria. Uma festa, por exemplo, sem flôres, é um poema em prosa; uma festa de crianças numa sala com flôres é um paraíso; uma refeição de fruta é o comer dos anjos! As crianças e as flôres são o poema de Deus, como dizia o poeta; porisso em todas as nossas festas dominicais, escolares, da igreja ou outras deviam predominar as flôres que o Senhor criou para encanto da nossa vista fisica e lições para a nossa alma. As flôres e as crianças são o simbolo da inocencia e da beleza. E se em nossas congregações se realisassem prégações especiais ácerca das flôres, da arvore, da vegetação e dos frutos, sem hinos ao panteismo, louvava-se a Deus de forma pratica e racional e adotava-se um meio simples e natural de prégar o Evangelho intuitivamente.

E' preciso pôr-se em pratica no meio evangélico algumas iniciativas de valor social, realizar alguma acção social cristã afim de não se julgar do nosso meio que os protestantes são retrogrados e rotineiros como os católicos-romanos. O dever do cristão é prégar a Cristo crucificado mas há muito mais a prégar além desse facto, muitissimos outros mesmo. Tem-se feito no mundo profano a festa da arvore, da flôr e muitas outras quando a iniciativa deveria partir de nós que pela influencia do Evangelho em nossos corações, de Cristo em nossas vidas e do Espirito em nossas almas, devemos dar o exemplo da mais nobre e mais altruista actividade humanitaria.

Esta festa da flôr é simpatica, sentimental e interessante, mas apesar de singela é significativa. Chamar a atenção dos incrédulos e dos proprios crentes para as flôres é um mandato cristão. «Olhai para os lirios do campo» (Mateus 5). Que sugestões tão belas nos dão as viçosas e odoríferas flôres dos nossos campos! Que lições morais de tão espiritual alcance! São festas que como a do animal, exercem uma profunda influencia no sentimento individual e colectivo.

E' atrair a Deus para chamar o homem ao convívio da natureza que é o conjunto de toda a Criação, facto e ideia implicam um Criador. Devemos-nos chegar para o campo porque este é uma criação de Deus ao passo que a cidade é um produto do homem.

Que belo e atraente uma igreja no campo, entre arvores, ao ar livre, ouvindo o canto das aves e aspirando o perfume das flôres! As nossas casas de oração deviam ser todas assim, simples e modestas sem a vaidade de caprichosas ornamentações nem a complicação arquitetónica, a *fabrica*, que com o tempo desaparecerá, segundo disse Jesus.

Deviamos sempre contemplar flôres: na escola, na officina, no escritório, na loja, na mesa de jantar. Em cada reunião evangélica umas flôres bem dispostas tambem dispanha bem o espirito. Os católicos sabem aproveitar esse facto para atracção do público. Elas aparecem em toda a parte, na dôr como no prazer: nos enterros, nos casamentos, na campã e ao peito...

Sejamos puros como as flôres, simples como elas são, dando o nosso testemunho e cumprindo a nossa missão como elas tambem o fazem, cultivando os bons sentimentos

que são as flôres da alma. Aprendamos com elas o que há de mais nobre e elevado para o fisico bem como para o espirito.

Brilhemos como lirios no meio da podridão do mundo, imitando Aquele que dos vales é o Lirio, puros como Ele o foi.

LUCIANO SILVA.



O Evangelho e a criminalidade

A criminalidade é hoje um dos pontos ventilados com mais ardor entre as nações modernas. E é logico. Está augmentando tão intensamente, que o homem surge-nos como o monstro mais pavoroso que habita a superficie do orbe terrestre. Está provado que o grande mal de tudo isto não é o analfabetismo. A instrução, é certo, pode edificar muito e demolir tudo; tornar-nos-há o espirito mais sagaz, a atenção mais precisa, o raciocinio mais logico e a intuição mais vasta; sim, toca sempre no sentimento e na vontade. Mas precisamente por isto pode constituir uma das armas mais terrificantes que jámais se viram! Nêsse caso de nada serve, perguntar-me-hão!... Alto lá!! isso nunca... a instrução é um foco intensissimo que tanto pode iluminar as concavidades obscuras, como fisear sentelhas crestantes. E' um dos elementos primaciaes do progresso, um dos tramites indispensaveis ás futuras garantias do homem. Uma das grandes crises nacionais, é a do character; esta afirmação tem-se dito dezenas de vezes, e quando se chega a um estado destes é prognostico, dogmatico da mais trígosa decadencia. Donde provem, pois, tudo isto? Da falta de educação, e eis tudo.

A evolução intelectual sem um correctivo que lhe fecunde as sementes e lhe sasone os frutos, transforma-se em verdade negativa, em plaga sem horisontes antolhada de abismos e algares. Torna-nos tudo ou nada segundo o grau de virtude e de criterio que nos insufla, e para ministra-la há apenas um factor, um unico, que é o Evangelho.

Hoje como hontem, como amanhã, será ainda sempre o codigo luminoso capaz de fazer irradiar as mais altas concepções, a magnitude dos sentimentos, com que constitue aliança, os supremos idiais. No Evangelho, como finamente observou Bryan, o homem caminha, e caminha para a aproximação duma perfeição infinita, e dum tipo divinamente inspirado. Do programa do divino Nazareno saem seres integros, os únicos capazes de triunfar no grande *struggle* da vida, triunfo convergente á harmonia universal. Não nos iludamos!

O crime provoca-o a carencia da educação, esta só pode vegetar com a disseminação da palavra de Jesus. Todos sabem que nas nações do norte, Inglaterra, Suissa, os paizes Scandinavicos, e muitos outros, as estatisticas acusam uma diminuta parcela na criminalidade, o que não acontece nos outros paizes. Porque? O Evangelho, sempre o Evangelho como unico remédio radical, que em aquelas nações tem grande influêcia com o seu raio purificador, redentor, e glorificador!

Convençamo-nos, quando a impoluta palavra do grande Mestre se tiver alicerçado no coração humano, os homens não serão mais egoistas e homicidas. Um novo porvir resurgirá coroado por um imenso azul celeste, manhã de liberdade!

Carnicães, 1918.

GERMÃO AUGUSTO.